La Comédiathèque

O Contrato

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

O Contrato

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Alex escreve comédias para teatro... mas, até agora, ninguém parece interessado. Pensa abandonar a carreira de dramaturgo e arranjar um emprego a sério. Até que recebe uma chamada de uma conhecida produtora parisiense: leu a sua última peça e quer levá-la à cena. Finalmente, Alex poderá ver o seu talento reconhecido! Entusiasmada e com pressa, a produtora prepara-se para ir a casa dele para lhe propor um contrato de exclusividade. Mas, mal desliga, recebe outra chamada. Daniel, um amigo a quem já tinha cedido os direitos da peça, anuncia que também vai montá-la. Investiu todas as poupanças no aluguer de um pequeno teatro. Como convencer aquele simpático falhado a desistir, sem parecer que o melhor amigo o está a trair?

Personagens

Alex

Clara

Daniel

Victoria

© La Comédiathèque

Uma sala de estar mobilada com simplicidade, com um sofá ao centro. Alex, na casa dos trinta, joga um videojogo no portátil. O telemóvel toca. Absorvido no jogo, demora um instante a atender.

Alex *(distraído)* – Sim... Sara...? *(Voltando subitamente à realidade.)* Ah, Sara! Sim, claro, mas... não me lembrava de te ter dado o meu número. Foi o Nico que to deu? Está bem... Não, não me incomoda, é só que... Ainda estou a trabalhar... No escritório do meu agente. Vamos assinar um contrato importante e... Olha, ele está a chegar. Tenho de desligar... Eu depois ligo-te. Amanhã, pode ser? Está bem... Um beijinho para ti também... *(Guarda o telemóvel.)* Raios, Nico... Vais ouvir das boas.

A porta abre-se e entra Clara, também na casa dos trinta, carregada com dois sacos de compras bem cheios e aparentemente pesados.

Clara – Olá...

Alex – Já chegaste?

Clara – Não te entusiasmes tanto...

Alex – Não, não é isso... Disseste que chegavas mais tarde.

Clara – Cancelaram-me a audição. Aproveitei para fazer compras. E tu?

Alex – Continuo à procura de uma ideia para a minha próxima peça...

Clara – E então?

Alex – Nada.

Clara – E achas que as ideias te vão aparecer se ficares aqui fechado o dia inteiro?

Alex – Se souberes onde se arranjam boas ideias para comédias, diz-me. Vou já lá.

Clara – Não sei... Talvez na vida real. Já experimentaste empurrar um carrinho num supermercado cheio, à hora de ponta? Vai-se a ver e encontras uma ideia num corredor... Entre os douradinhos e o papel higiénico.

Alex – Desculpa. Amanhã faço eu as compras.

Clara – Não vale a pena. Acabei de as fazer, temos comida para uma semana. Vou guardar os congelados antes que comecem a derreter em cima do papel higiénico.

Alex – Bem... Obrigado, então.

Clara – De nada. Mas, para a próxima, quando vires o frigorífico vazio e estivermos a chegar ao fim do rolo, tenta lembrar-te.

Clara sai. Alex arruma uma ou duas coisas sem grande convicção, volta ao jogo e acaba por se controlar.

Alex – Tenho de acabar com isto... *(Fecha o portátil, tira uma garrafa do bar e serve dois copos. Clara regressa.)* Servi-te uma bebida, querida...

Clara – Estamos a celebrar alguma coisa?

Alex – Não, mas vejo muito isto nas séries americanas... O pai de família chega do trabalho exausto, ainda a tempo de dar um beijo aos filhos antes de eles se deitarem... A mulher serve-lhe um copo para ele descontrair... e depois ele atira-se a ela no sofá da sala.

Clara – Nas séries americanas dos anos sessenta, talvez...

Alex – Pois... E nós nem filhos temos.

Clara – Também não és propriamente uma dona de casa... Pelo menos, não vens com o pacote completo: nem limpas, nem fazes compras.

Ele abraça-a, querendo ir mais longe.

Alex – Mas estou sempre disponível para o repouso do guerreiro.

Ela afasta-o com delicadeza.

Clara – Para, ainda acordas as crianças...

Bebem em silêncio durante uns instantes.

Alex – Eu sei, não estou propriamente numa fase de sucesso... Deixei de ser ator há dez anos para me dedicar à escrita e ainda não consegui afirmar-me como dramaturgo.

Clara – A tua primeira comédia ainda teve algum sucesso.

Alex – Esteve três semanas em cena num teatro dos arredores... O tempo suficiente para todos os amigos a irem ver. As outras nunca chegaram ao palco.

Clara – Não percebo porquê... Com cada coisa que se vê nos grandes teatros de Paris!

Alex – Não conheço as pessoas certas, pelos vistos... Não pertenço àquele meio... Nunca soube vender-me.

Clara – Nem eu, infelizmente.

Alex – Pelo menos tu tens trabalho...

Clara – Sim, claro... Anúncios ridículos, figurantes na televisão, dobragens...

Alex – A dobragem, pelo menos... Não é interessante?

Clara – Paga as contas... Mas reconhecimento, nem vê-lo. Nunca ninguém me disse no cabeleireiro: «Conheço essa voz! É a voz da mulher do inspetor Derrick! Dá-me um autógrafo?»

Alex – Talvez porque a mulher de Derrick nunca aparece na série. Tal como a de Columbo, aliás...

Clara – Fazer dobragens, para uma atriz, é como fazer striptease num clube de cegos. Estamos menos expostas, é verdade, mas continuamos condenadas a ficar na sombra.

Alex – Se estás farta, podes deixar isso...

Clara – Ah, sim? E quem é que paga a renda? Tu?

Alex – Parece-me uma crítica muito subtil...

Clara beija-o.

Clara – Sempre acreditei em ti, Alex. Sabes disso. Um dia a sorte há de mudar...

Alex – Às vezes pergunto-me se não devia desistir. Dou-me mais um ano. Depois arranjo um emprego a sério.

Clara – Um emprego a sério? Mas tu não sabes fazer nada...

Alex – Obrigado pelo apoio a esta mudança de carreira.

Clara – O mundo do teatro há de reconhecer o teu talento, tenho a certeza.

Alex – Talvez depois de morrer...

Clara – Vá lá... O telefone há de tocar, vais ver.

Ele abraça-a, mas nesse momento o telefone fixo começa a tocar, com uma campainha à moda antiga.

Alex – Nunca me habituo a este toque. Quem é que ainda tem um telefone fixo em casa?

Clara – É o único número que a minha mãe conseguiu decorar. Prefiro mantê-lo...

Alex – Aliás, ela deve ser a única pessoa que ainda sabe o número. Portanto, não há de ser nenhum produtor a ligar para me oferecer um grande contrato...

Clara atende.

Clara – Estou, mãe...? Sim, está tudo bem, porquê? Sei que costumo ligar-te às sete, mas ainda não são sete... *(Olha para o relógio.)* Mal são seis! Mas hoje é sexta-feira, mãe! A mudança de hora não foi ontem, é amanhã à noite, de sábado para domingo. Como todos os anos... Nem deste por isso? Está bem, ligo-te daqui a uma hora. Mas estás bem? Sim... Sim... Coitadinha... Está bem, falamos daqui a bocado... *(Desliga.)* Era a minha mãe...

Alex – Sim... E vais ligar-lhe outra vez daqui a uma hora...

Clara – Claro, como de costume...

Alex – Mas ela acabou de te telefonar...

Clara – E então?

Alex – Nada... Sempre me perguntei se é mesmo preciso telefonar à tua mãe três vezes por dia para saber como está. Com os problemas de saúde que ela tem... Sabes perfeitamente que não está bem.

Clara – E o que é que tu tens a ver com isso? És tu que pagas a conta do telefone?

Alex – Não, realmente... Muito delicado da tua parte lembrares-me disso.

Clara – E eu pergunto-te quantas vezes ligas às tuas amantes?

Alex – Às minhas amantes? No plural?

Clara – Ah, então é só uma? Fico mais descansada...

O telefone fixo volta a tocar.

Alex *(irónico)* – Ora, quem será desta vez?

Clara fulmina-o com o olhar e atende.

Clara *(amável)* – Sim, mãe? Oh, desculpe, pensei que... Sim, já lho passo... *(Entrega o auscultador a Alex.)* Uma tal Victoria... Deve ser alguma namorada dos tempos em que ainda não havia telemóveis...

Alex – Victoria? Não faço a mínima ideia de quem seja, juro... *(Leva o telefone fixo para fora de cena, puxando pelo comprido fio.)* Estou? Sim, sou eu...

Alex sai. Clara, irritada, arruma algumas coisas e pega no telemóvel para ligar à mãe.

Clara – Então, mãe, como estás? Não estás bem? Que chatice... Mas já marcaste consulta com o médico?

Clara também sai. Alex regressa com o auscultador numa mão e o telefone fixo na outra.

Alex – Está bem... Claro, claro... Espera, deixa-me ver a agenda... *(Faz uma pausa.)* Não, é perfeito. Então combinamos assim. Até amanhã, Victoria...

Alex deixa-se cair no sofá, aparentemente arrasado. Clara regressa, ainda a falar ao telemóvel.

Clara – Está bem, mãe, ligo-te amanhã de manhã. Um beijinho... *(Guarda o telemóvel e olha para Alex.)* Então, quem era essa aparição do passado, a ligar para um telefone fixo?

Alex – Não vais acreditar...

Clara – Desembucha...

Alex – Victoria de Castelblanco.

Clara – A Victoria de Castelblanco?

Alex – A responsável pelos maiores sucessos dos palcos parisienses da última década. Essa mesma.

Clara – E conheces a Victoria?

Alex – Há uns dez anos fui a uma audição para uma peça que ela encenava. Não fui escolhido. Desde então, nunca mais tivemos contacto...

Clara – E hoje telefona para o nosso número fixo para te oferecer um papel?

Alex – Melhor ainda! Quer montar a minha peça!

Clara – Qual delas?

Alex – O Contrato. Disse que adorou.

Clara – Inacreditável...

Alex – Andava à procura de uma nova comédia e, de alguma maneira, chegou à minha.

Clara – Lembras-te de eu ter impresso o texto no ano passado e enviado exemplares a todas as produtoras de Paris? Disseste-me que era uma perda de tempo...

Alex – Já tinha perdido a esperança. Nenhum produtor lê os textos que lhe enviam.

Clara – Nem me lembrava de lho ter enviado diretamente... Alguém lhe deve ter feito chegar o texto.

Alex – O que interessa é que o leu e adorou!

Clara – E vai mesmo levá-la à cena?

Alex – Já está a tratar do elenco. Não quis adiantar pormenores, mas haverá nomes sonantes. Ela só trabalha com estrelas!

Clara – E disse-te em que teatro?

Alex – Conheces estas pessoas... Enquanto nada estiver assinado, guardam segredo. Mas será certamente um dos grandes teatros de Paris.

Clara – Custa-me a acreditar.

Alex – Eu também! Pensei que fosse uma brincadeira, mas não. Quer estreá-la em Avignon, levá-la depois a um grande teatro de Paris e fazer uma digressão por toda a França.

Clara – Isso é fantástico!

Alex – Finalmente podíamos entrar na primeira divisão!

Clara – E depois?

Alex – Quer encontrar-se comigo amanhã à tarde, em casa dela, para assinarmos. Está decidida e tem imensa pressa.

Clara – Amanhã? Não perde tempo... É uma autêntica megera, mas pronto...

Alex – Porquê?

Clara – É a fama que tem no meio, não é?

Alex – Claro que quer exclusividade. Sinto que a sorte está a mudar, Clara! Temos de festejar!

Clara – Hoje estou de rastos, mas amanhã vamos jantar fora para festejar. Prometido!

Alex – Está bem.

Clara – E se fôssemos antes para a cama?

Alex – Já? *(Olha para o relógio.)* Ainda nem são sete!

Clara – Não disse que fôssemos dormir... Disse que podíamos ir para a cama.

Alex – Ah... Com isto tudo, acho que nem vou conseguir dormir. Além disso, não costumo deitar-me antes das sete.

Clara – Mas quem falou em dormir? Hoje estás mesmo lento...

Alex – Desculpa... Estou um bocado perturbado...

Clara – Eu também... Há tanto tempo que sonho ir para a cama com um escritor de sucesso...

Alex – Não me digas que nunca te fizeram essa proposta...

Clara – Quem sabe? Se calhar ainda consigo um papel...

Começam a envolver-se no sofá.

Escuro.

O telefone fixo volta a tocar.

Luz.

Clara – Outra vez...

Alex – Não somos obrigados a atender...

Clara – Se for a minha mãe, pode ser uma urgência...

Alex – Se é uma emergência, existe o 112. Não é assim tão difícil de decorar...

Clara – Pode ser a Victoria...

Alex – Se for importante, volta a ligar.

Clara levanta-se.

Clara – Temos de atender, Alex.

Alex *(resignado)* – Tens razão... Passámos anos à espera de um telefonema que não fosse da tua mãe. Agora não vamos começar a queixar-nos por o telefone tocar demais...

Clara – É o preço do sucesso. Temos de nos habituar.

Alex atende. Clara sai.

Alex – Estou? Quem? Ah, olá, Daniel! Há quanto tempo... Eu estou bem. Até posso ter uma boa notícia, mas ainda é cedo para falar dela... E tu? Ah... *(Empalidece.)* Não...? Sim, sim, lembro-me. Quer dizer... Para ser sincero, já me tinha esquecido... Ah, sim? Não...? Claro, claro, é ótimo... Olha, tenho de desligar. Estávamos precisamente a começar uma partida de... Isso mesmo, estão à minha espera para a segunda parte. Está bem, Daniel, falamos amanhã?

Clara regressa.

Clara – Quem era?

Alex – O Daniel.

Clara – O Daniel?

Alex – O Daniel, sabes? Representámos juntos, quando eu ainda era ator. Foi com ele que fiz a minha última audição, precisamente com a Victoria...

Clara – Outro ressuscitado... Isto hoje parece a Noite dos Mortos-Vivos. Quer oferecer-te um papel?

Alex – Pior do que isso...

Clara – Pior?

Alex – Quer montar a minha peça...

Clara – Qual peça?

Alex – O Contrato!

Clara – Não pode ser...

Alex – Tinha-me esquecido completamente. Pensei que o projeto nunca chegasse a concretizar-se. O Daniel estraga tudo em que se mete.

Clara – E então?

Alex – Disse-me que acabou de assinar com um teatro em Avignon, para o festival.

Clara – Estás a brincar.

Alex – Infelizmente, não...

Alex está arrasado.

Clara – Mas chegaste a dar-lhe os direitos da peça?

Alex – Pelos vistos, sim. Já nem me lembrava. Naquela altura não tinha propriamente propostas a chover...

Clara – Merda...

Alex – É um desastre. A Victoria quer exclusividade, como é natural. Se a peça já estiver programada em Avignon, ela não vai querer montá-la.

Clara – Não lhe podes pedir que desista?

Alex – Acabou de assinar com um teatro! Investiu todas as poupanças. Até fiquei admirado quando mo contou: o Daniel nunca foi homem de ter poupanças...

Clara – Confirma a autorização no site da Sociedade de Autores...

Alex consulta o telemóvel.

Alex – Sim, infelizmente... Dei-lhe autorização por três anos e ainda está em vigor.

Clara – Deixa ver... *(Alex entrega-lhe o telemóvel.)* Sim... Mas não inclui Avignon...

Alex – O quê?

Clara – A autorização! Diz aqui, muito claramente: «Exceto Avignon».

Alex volta a olhar para o ecrã.

Alex – Tens razão...

Clara – Para participar no festival, precisa de uma autorização adicional. Avignon tem sempre regras próprias...

Alex – E então?

Clara – Podes recusar-lhe autorização para Avignon.

Alex – Mas continua a ter autorização para Paris.

Clara – A autorização termina daqui a seis meses. Estamos em março, praticamente no fim da temporada. Se ele falhar Avignon, nenhum teatro de Paris vai querer estrear a peça em setembro. Basta não renovares a autorização.

Alex – Pois... Mas é o Daniel. É um amigo. Um desastre ambulante, mas é meu amigo. Arruinou-se para alugar aquele teatro...

Clara – Isso é problema dele. Devia ter-te perguntado primeiro. E arruinar-se... Disseste que ele não tinha dinheiro nenhum. A única vantagem de ser pobre é que não há muito para perder...

Alex – A não ser que se tenha endividado... Sabes quanto custa alugar um teatro de cinquenta lugares durante o festival? E o alojamento, e tudo o resto? Apostou tudo. Até vendeu o carro.

Clara – Nem que tivesse vendido a própria mãe...

Alex – Já não te reconheço, Clara...

Clara – Esperamos há anos por uma oportunidade destas, Alex! Pode nunca mais aparecer outra!

Alex – Não lhe posso fazer isso.

Clara – Então temos de o convencer a desistir de Avignon...

Alex – Como?

Clara – Ainda pode anular o contrato com o teatro.

Alex – Sabes como é. Exigiram o pagamento no momento da assinatura.

Clara – Pois, claro...

Alex – É meu amigo, Clara. Estava radiante quando me deu a notícia. E ontem eu também teria ficado radiante...

O telemóvel de Alex toca. Ele olha para o ecrã.

Alex – É o Daniel... Afinal conseguiu descobrir o meu número de telemóvel... *(Atende.)* Sim, Daniel? Ah... Não...? Sim, claro, estou muito contente. É só que... Uma aventura, não é? Sim, estamos cá... Agora? Está bem, espero por ti. *(Desliga.)* Era o Daniel. Está lá em baixo. Vem a subir...

Clara – A estas horas?

Alex – Ainda nem são sete!

Clara – Ah, pois é...

Alex – O que é que lhe vou dizer?

Clara – Talvez exista um seguro de cancelamento...

Alex – Seguro de cancelamento? Para o Daniel? Da última vez que o vi, já nem tinha cobertura da Segurança Social...

Clara – Não sei... Podia surgir-lhe um impedimento.

Alex – Que tipo de impedimento?

Clara – Se partisse uma perna... não podia ir a Avignon.

Alex – Mas primeiro tinha de partir uma perna. Não me parece muito provável.

Clara – Podias dar-lhe uma ajudinha...

Alex – Dinheiro, queres dizer?

Clara – A partir a perna!

Alex – Estás a brincar?

Clara – Tens razão... O veneno é mais discreto...

Alex – Estás a assustar-me, Clara...

Tocam à campainha. Alex fica paralisado.

Clara – Vá, abre a porta...

Alex vai abrir a porta e regressa com Daniel, da mesma idade, um falhado simpático. Traz um cartaz enrolado, preso com um elástico.

Daniel – É acolhedora, a tua casa...

Alex – Já conheces a Clara?

Daniel – Clara! Sim, claro... Foi há muito tempo, mas...

Clara – Se foi há muito tempo, não devo ter sido eu...

Daniel – E tu também trabalhas em teatro?

Clara – Trabalho sobretudo em dobragens.

Daniel – Pois... A tua voz não me é estranha...

Clara – A minha voz? Mal disse duas palavras!

Daniel – Não és tu que fazes a voz da advogada daquela série? De dia defende criminosos, à noite assalta casas.

Clara – Entre a lei e o crime...

Daniel – Essa mesmo!

Clara – Sou, sim. Pensava que ninguém via aquela série...

Alex – O Daniel sempre teve um dom para reconhecer vozes...

Daniel – Uma espécie de sexto sentido.

Alex – O problema é que, nele, os outros cinco sentidos deixam bastante a desejar.

Daniel – Sempre com uma piada, Alex... Devias ter sido escritor...

Alex – Senta-te, por favor.

Clara – Queres beber alguma coisa?

Alex – Já estamos na hora do aperitivo...

Daniel – Obrigado, mas deixei de beber.

Alex – Está bem... Mas quando dizes que deixaste de beber...

Daniel – E também deixei de fumar.

Alex – Ah... Mas o teatro não deixaste.

Daniel – Passei uma fase difícil. Por isso andei desaparecido. Entretanto comecei a fazer terapia, voltei ao desporto... E agora estou mesmo empenhado.

Alex – Empenhado?

Daniel – Já não tenho vinte anos. Ou é agora ou nunca. Afinal, o que tenho a perder?

Clara – Vinte mil euros... *(Daniel fica surpreendido.)* É mais ou menos o que te vai custar o festival, não é?

Daniel – Até trinta mil, contando todas as despesas...

Alex – E resolveste apostar tudo na minha peça...

Daniel – Sempre acreditei no teu talento, Alex. Sabes disso.

Alex – Até agora eras praticamente o único.

Daniel – Tenho a certeza de que esta comédia vai ser um êxito. Por isso, resolvi arriscar. Vendi tudo o que podia, pedi dinheiro emprestado ao meu cunhado e aluguei um teatro em Avignon.

Clara – Ah, sim? Qual?

Daniel – O Teatro Sem Saída.

Clara – O Teatro Sem Saída...?

Daniel – Fica num beco sem saída. Deve ser por isso que tem esse nome.

Fica um silêncio embaraçoso.

Alex – Já começo a pensar que fizeste mal em deixar de beber...

Clara – Então já assinaste?

Daniel – Enviei o cheque esta manhã. Era o último horário disponível.

Clara – O Teatro Sem Saída... Nunca ouvi falar.

Daniel – Acabou de abrir. É a primeira vez que participa no festival; por isso ainda havia horários disponíveis. Antes funcionava lá um salão de cabeleireiro.

Clara – Um cabeleireiro... Deve ser um teatro pequenino.

Daniel – Trinta e dois lugares sentados... e quatro em pé. Estou a brincar... Com os quatro em pé, claro.

Alex – E quanto é que pagaste?

Daniel – Dez mil euros pela sala e um quartinho no andar de cima. Fora todas as outras despesas, evidentemente.

Clara – É muito dinheiro... para sair de lá tosquiado.

Silêncio incómodo.

Alex – O que a Clara quer dizer é que estás a correr um risco enorme. Em Avignon há mais de mil espetáculos por dia. Não é garantido que enchas a sala. Mesmo que fosse um cabeleireiro...

Clara – Ainda por cima, o autor não é propriamente conhecido.

Alex – E os atores também não, imagino. Quem são?

Daniel – Ainda não está tudo decidido. Sabem como é: enquanto não estiver confirmado, prefiro não falar... Mas vão ser bons, garanto!

Clara – Pois, claro...

Novo silêncio embaraçoso.

Daniel – Mas não pareces muito contente, Alex...

Alex – Estou, estou... É só que...

Daniel – Não vos estou a pedir nada! Dinheiro, pelo menos, não...

Clara – Menos mal, então...

Daniel – Mas, se quiserem ajudar de alguma forma, agradeço. Já sabem como é Avignon: nunca há mãos a mais para distribuir folhetos. O apoio do autor também faz diferença...

Alex – Claro...

Daniel – Estou a sentir aqui um ambiente estranho... Ter uma peça em Avignon também era um sonho teu, não era? Falámos tantas vezes disso. Pensei que ficasses mais entusiasmado...

Alex – Claro que fico. É só que...

Clara – Estamos preocupados contigo. Não queremos que fiques arruinado...

Alex – E, cá entre nós... nem sequer é a minha melhor peça. Não preferias montar outra?

Daniel – Trabalho neste projeto há quase três anos. Não vou mudar de peça agora! Há algum problema?

Alex – Não, não, nenhum.

Clara – Um bocadinho, Alex.

Daniel – O quê?

Clara – Deixo-vos a sós...

Clara sai.

Daniel – Ah, esquecia-me! Aqui está o cartaz!

Daniel desenrola o cartaz.

Alex – Ah, pois...

Daniel – O que achas?

Alex – Fantástico...

Daniel – Ainda é só uma maquete. Foi a minha irmã que o desenhou.

Alex – A tua irmã é designer gráfica?

Daniel – Esteticista, mas tem muito jeito para o desenho.

Alex – Se tu o dizes...

Daniel – Só faltam os nomes dos atores. Já parece a sério, não parece?

Alex – Sim... *(Embaraçado.)* Tantos anos a sonhar com isto...

Daniel – Sei que estou a arriscar, mas só se vive uma vez. Quando a minha namorada me deixou, no ano passado, cheguei a pensar em acabar com tudo. Foi este projeto que me devolveu a vontade de viver. Acho que, sem ele...

Alex – Merda...

Daniel – E tu, o que se passa? Tens problemas? Não estás doente? Não me digas que tens um cancro ou coisa assim...

Alex – Não, não, nada disso.

Daniel – Há problemas entre ti e a Clara? Vão separar-se? Nunca te vi com a mesma mulher mais de uma semana seguida...

Alex – Não, está tudo bem entre nós. Até seria uma boa notícia... Pelo menos para mim.

Daniel – Estou a ouvir.

Alex hesita.

Alex – Pois... eu...

Daniel – Então?

Alex – Vou casar-me.

Daniel – Com a Clara?

Alex – Claro que é com a Clara.

Daniel – Que maravilha!

Alex – Pois...

Daniel – Então porque é que estás com essa cara?

Alex – É que... com as novas responsabilidades...

Daniel – Ela está grávida? É por isso que vão casar?

Alex – Não sejas parvo. Já não estamos no século XIX. Hoje ninguém casa só porque a namorada está grávida.

Daniel – Mas em que é que isso interfere com Avignon?

Alex – É que... Há dez anos que andamos a contar os tostões. Tenho a sensação de viver à custa da Clara. Já pensava desistir e procurar um emprego a sério... Estava a habituar-me à ideia. E, de repente, acontece tudo ao mesmo tempo.

Daniel – Calma, não te entusiasmes já. O teatro é muito pequeno. Mas desta vez tenho mesmo um bom pressentimento. Acho que pode ser o princípio de alguma coisa...

Alex – Não sei, Daniel...

Daniel – Não desistas dos teus sonhos, Alex. Ias arrepender-te para o resto da vida. Eu acredito neste projeto. Também o faço por ti. Então, estás comigo ou não?

Alex – Claro que sim, Daniel!

O telemóvel de Daniel toca. Ele atende.

Daniel – Estou? Ah, sim. Claro... Está bem, vou já. *(Guarda o telemóvel.)* Tenho de ir...

Alex – Algum problema?

Daniel – Não, não. Vou encontrar-me com uma atriz... Para o papel, precisamente.

Alex – Ótimo...

Daniel – Na verdade, também estou a montar esta peça por causa dela. Depois conto-te. Vou dando notícias, está bem?

Alex – Está bem...

Clara regressa.

Daniel – Até logo, Clara... E parabéns!

Daniel sai, esquecendo o cartaz.

Clara – Parabéns...?

Alex – Depois explico-te...

Clara – Então, está resolvido?

Alex – Não tive coragem de lhe dizer...

Clara – O que queres dizer?

Alex – Estava tão feliz a mostrar-me o cartaz. Olha...

Clara – Este cartaz é horrível! Parece desenhado pela irmã mais nova dele...

Alex – Nem imaginas como acertaste... Mas não lhe posso fazer isso, Clara. Ele apostou tudo neste projeto.

Clara – Estás a brincar? Sou eu que aposto tudo em ti há anos! Pago a renda, encho o frigorífico, trato da casa... para deixar o génio trabalhar. E agora vais deitar fora a oportunidade de finalmente ver o teu talento reconhecido? Só para não desiludires aquele falhado com quem andavas antes de me conhecer. Os velhos tempos, os amigos de juventude, os sonhos de adolescente... Isso é tudo muito bonito, mas não é a vida real. Tens de crescer, Alex!

Alex – Não sei o que fazer, Clara, juro... Eu... *(Hesita.)* Queres casar comigo?

Clara fica estupefacta.

Clara – Vai à merda!

Voltam a tocar à campainha.

Alex – Deve ser ele. Esqueceu-se do cartaz.

Clara – Está bem... Se não tens tomates para lhe dizer, digo-lho eu.

Alex – Por favor, Clara, não faças isso... *(Clara sai.)* Bom, se quiseres, também me poupas o trabalho...

Clara regressa com Victoria, um pouco mais velha do que os outros ou com essa aparência. É uma mulher exuberante e autoritária.

Alex – Victoria...? Pensei que tínhamos combinado encontrar-nos amanhã à tarde, em tua casa.

Victoria – Olá, Alex! Estava aqui perto e resolvi passar. Assim é mais simples... Boa tarde, minha senhora. Desculpe aparecer sem avisar para falar de trabalho.

Clara – Não se preocupe. Eu também sou do meio. Sou atriz...

Victoria – Ah, é? O seu rosto, porém, não me é familiar...

Clara – Neste momento faço sobretudo dobragens.

Victoria – Percebo... *(Com ar sentencioso.)* Os atores de dobragem são para as estrelas de cinema o que o soldado desconhecido é para os heróis de guerra. Sem eles, muitas coisas não seriam possíveis, mas são os outros que recebem as medalhas. Espero que o Alex, pelo menos, saiba manter-lhe a chama acesa... *(Clara não aprecia a observação.)* Então, Alex, como tens passado desde a última vez que nos vimos? Quando foi?

Alex – Foi numa audição... Acabei por não ficar com o papel.

Victoria – Ah, agora lembro-me. Era para os dois papéis principais de uma peça que depois foi um grande sucesso. Tinhas ido com aquele rapaz...

Alex – Daniel.

Victoria – Exatamente. No fundo, até te fiz um favor. Se tivesses continuado a representar, talvez nunca tivesses escrito esta comédia genial.

Alex – Bem... Obrigado, então.

Victoria – Mas não vim falar do passado. Vim falar do futuro... Do teu futuro!

Alex – Então gostaste da peça?

Victoria – Adorei!

Alex – E queres montá-la?

Victoria – Conheces-me. Quando faço uma coisa, é em grande. Tenho planos ambiciosos para esta comédia.

Clara – Podemos saber mais alguma coisa?

Victoria mostra-se incomodada com a intervenção de Clara.

Victoria – Li o texto anteontem. Ainda não está tudo tratado, claro. Mas vai ser um grande projeto. Um grande teatro, naturalmente. A melhor encenadora de Paris: eu! E um elenco cheio de estrelas...

Clara – Então presumo que não haja nenhum papel para mim...

Victoria – Cada um tem o seu lugar, querida... Eu quero reunir os maiores talentos. Assim que tiver os direitos exclusivos da peça, evidentemente. Aliás, foi por isso que vim. *(Tira um documento da mala.)* Trouxe o contrato. Suponho que não tens agente...

Alex *(apontando para Clara)* – A minha agente está aqui...

Victoria – Fazes bem. Os agentes, tirando ficarem com dez por cento...

Clara – Vamos ler o contrato com calma, Alex. Não é por mais uns dias que o mundo acaba.

Victoria – Claro. E tu, Alex, estás envolvido noutros projetos?

Alex – Bem...

Clara – Há um projeto de cinema em curso. E uma série para televisão.

Alex – Mas já sabes como é... Enquanto não estiver assinado...

Clara – Quer beber alguma coisa?

Victoria – Não vos quero tomar mais tempo. Foi só uma visita rápida.

Clara – Eu acompanho-a.

Victoria – Até breve, Alex. Estou entusiasmada por finalmente trabalharmos juntos. Acredito muito nesta peça.

Alex – Eu também... Quero dizer... Até breve, Victoria. Acho que vamos fazer grandes coisas juntos.

Clara acompanha Victoria à porta e regressa imediatamente.

Alex – Belisca-me, para eu ter a certeza de que não estou a sonhar... Victoria de Castelblanco!

Clara – É uma megera, mas enfim...

Alex – Porquê?

Clara – Não ouviste como falou comigo?

Alex – Foste tu que me disseste que é preciso saber fazer concessões.

Clara – Claro. Mas continuamos com um problema.

Alex – Qual?

Clara – O Daniel! Como vamos assinar a exclusividade com a Victoria, se ele já alugou um teatro em Avignon?

Alex – Tens razão... Ia-me esquecendo.

Clara – É a oportunidade da nossa vida, Alex. Eu sei que os amigos são importantes, mas há oportunidades que não podemos deixar escapar.

Alex – Por outro lado, o Daniel também quer levar a peça a Avignon...

Clara – Foste tu que o disseste: é um falhado. Não podes contar com ele para transformar a tua peça num sucesso.

Alex – Pois...

Clara – Já agora, porque é que ele me deu os parabéns?

Alex – Disse-lhe que nos íamos casar...

Clara – Antes de me perguntares se eu queria?

Alex – Não sabia o que lhe dizer. Inventei a primeira coisa que me ocorreu.

Clara lança-lhe um olhar furioso. Voltam a tocar à porta.

Clara – Se isto continua assim, vamos ter de montar uma sala de espera com rececionista...

Alex – Vou abrir...

Alex regressa com Daniel.

Daniel – Desculpa, esqueci-me do cartaz... Que achas dele, Clara?

Clara – Fantástico... *(À parte, a Alex.)* Desta vez tens de lhe dizer, ou digo-lhe eu. Está bem? Deixo-vos a sós...

Clara sai.

Daniel – Que se passa? Discutiram?

Alex – Daniel, não sei bem como dizer-te isto... A Victoria acabou de sair daqui.

Daniel – A Victoria...?

Alex – A Victoria de Castelblanco.

Daniel – A sério? Dormiste com ela? É por isso que a Clara está zangada?

Alex – Não! Quer dizer, sim, mas foi há muito tempo. E não é isso que a irritou. Ela nem sabe... Não lhe digas nada, está bem?

Daniel – Está bem...

Alex – Lembras-te da audição que fizemos com ela há dez anos?

Daniel – Lembro.

Alex – Não fomos escolhidos...

Daniel – Não.

Alex – Foi em parte por isso que deixei de representar e comecei a escrever. Acreditava mesmo naquele papel. Pensava que ia lançar a minha carreira...

Daniel – Se a Clara nem sabe que dormiste com a Victoria, então qual é o problema?

Alex – Ela quer montar uma das minhas peças.

Daniel – A sério? Excelente! Qual delas?

Alex – O Contrato...

Daniel – O Contrato...?

Alex – Quer estreá-la em Avignon, este verão.

Daniel – Excelente! Duas produções de O Contrato em Avignon! A dela deve ter muita publicidade. Até pode ajudar-nos a nós...

Alex – Sim, mas ela quer exclusividade...

Daniel – Exclusividade?

Alex – É normal. Vai investir muito dinheiro no projeto.

Daniel – Mas, Alex, ando a preparar esta peça há três anos!

Alex – Pois, três anos... Esse é o problema. Pensei que nunca se chegasse a concretizar. Já nem me lembrava...

Daniel – E então?

Alex – Lamento muito, Daniel...

Daniel – Mas já assinei! Não posso voltar atrás, Alex!

Alex – Devias ter-me falado antes.

Daniel – Queria fazer-te uma surpresa. Ninguém monta as tuas peças!

Alex – Obrigado por me lembrares disso...

Daniel – Além disso, nada estava confirmado...

Alex – Desculpa.

Daniel – Mas eu já tenho autorização, não tenho?

Alex – Para Paris, sim. Mas não para Avignon.

Daniel – Ah, é assim que queres resolver a questão...

Alex – Lamento muito.

Daniel – Eu também lamento. Estou muito desiludido...

Daniel levanta-se.

Alex – Espera!

Daniel – Nunca pensei que me fizesses uma coisa destas... Tu, um amigo...

Daniel prepara-se para sair.

Alex – Não te vás embora assim...

Daniel – Apostei tudo neste projeto, Alex. E tu agora espetas-me uma faca no coração...

Alex – Também não é preciso exagerar...

Daniel – Vai-te lixar!

Daniel sai. Clara regressa.

Clara – Ao menos o problema está resolvido...

Alex – Não sei... Mas não me orgulho nada do que fiz.

Clara – Percebo. Mas às vezes temos de fazer escolhas. É uma oportunidade única para lançares a tua carreira... e para os dois entrarmos finalmente na primeira divisão.

Tocam outra vez. Clara vai abrir e Daniel regressa.

Alex – Se te apetecer dar-me um murro, eu compreendo...

Daniel – Não voltei para isso...

Clara – Deixo-vos sozinhos...

Clara sai.

Alex – Neste momento mal tenho dinheiro para pagar a renda. Mas, se a peça me der algum lucro, prometo devolver-te tudo o que gastaste em Avignon.

Daniel – Para mim não se trata apenas de dinheiro.

Alex – Peço-te sinceramente desculpa.

Daniel – Se me voltas a pedir desculpa, sou capaz de te dar mesmo um murro.

Alex – Estou a ouvir...

Daniel – Estavas a falar da audição que fizemos há dez anos. Com a Victoria, precisamente...

Alex – Sim...

Daniel – Fomos os dois finalistas para uma peça num grande teatro.

Alex – Foi depois desse último fracasso que deixei de representar. Por isso não quero perder esta segunda oportunidade...

Daniel – O que tu não sabes é que eles me escolheram a mim.

Alex – A sério? Então porque é que não fizeste a peça?

Daniel – Exigi que te dessem o outro papel. Disse-lhes que ou entrávamos os dois ou não entrava ninguém. E eles preferiram não escolher nenhum de nós.

Alex – Não pode ser...

Daniel – Nunca me arrependi. Embora isso talvez me tenha custado a carreira...

Alex – Nunca me contaste...

Daniel – Para mim, a amizade está acima de tudo, Alex. Por isso é que hoje me sinto traído.

Alex – Juro que não sabia...

Daniel – Tu acabaste por escrever e até te correu bem. Basta ver... Para mim, isto foi uma facada nas costas. Apostei a vida neste projeto. Não vou recuperar deste golpe.

Alex – Mas não podias escolher outra peça?

Daniel – És mesmo um grande cabrão, Alex. Como é que não percebi isso naquela altura? Se tivesse pensado primeiro em mim e na minha carreira, tudo podia ter sido diferente... Talvez hoje fosse eu a oferecer-te trabalho.

Clara regressa.

Clara – Continuas sem querer beber nada?

Daniel não responde.

Daniel – Admirava-te, Alex. Precisamente pela tua integridade. É isso que queres ser? Um homem que trai os amigos para subir na vida? Como tantos outros?

Alex – Não sei o que te dizer, Daniel...

Daniel – Talvez amanhã sejas rico, mas nunca deixarás de ser um pobre tipo.

Daniel sai.

Clara – Ouvi a conversa...

Alex – Estou a trair um amigo para conseguir lançar a minha carreira, quando ele sacrificou a dele para me ajudar.

Clara – Tens a certeza de que essa história é verdadeira?

Alex – A amizade existe, sabes...

Clara – Seja como for, agora já é tarde.

Alex – Ainda não assinei o contrato...

Clara – Pensa bem, Alex. Uma oportunidade destas só aparece uma vez na carreira de um autor. Se a deixares escapar, não sei se terei forças para continuar...

Alex – Continuar? Queres dizer... comigo?

Tocam à porta.

Clara *(exasperada)* – Outra vez ele? Já não suporto aquela cara de cão abandonado. Dá-me vontade de o matar...

Alex – É melhor ir eu...

Alex abre a porta e regressa com Victoria.

Victoria – Desculpa, sou eu outra vez... O produtor anda a pressionar-me. Quer saber se está tudo tratado antes de avançar. Já leste o contrato? Já assinaste?

Alex – Ainda não, para ser sincero...

Victoria – Alex, isto é urgente. Tenho de começar a contactar os atores mais conhecidos. Sabes como é, têm as agendas cheias. O festival é daqui a quatro meses. Se não começarmos já, será tarde demais.

Clara – Vou lê-lo agora mesmo.

Victoria – É um contrato normalíssimo, sabem...

Clara começa a ler o contrato.

Alex – Não queres beber nada?

Victoria – Não, obrigada, tenho pressa. Vou encontrar-me com um ator para falar do projeto. É um nome muito conhecido! Se aceitar, tudo o resto se resolve. As pessoas vão ao teatro pelas estrelas, sabes...

Alex – A peça é o menos importante, queres dizer?

Victoria – Se também for boa, tanto melhor. E a tua é excelente, já te disse.

Clara – Portanto, quer exclusividade...

Victoria – Naturalmente. Há algum problema?

Clara – Não, nenhum...

Victoria – Naturalmente, serão necessárias algumas adaptações...

Alex – Como assim?

Victoria – A história é extraordinária, mas os diálogos estão um bocadinho datados, não achas?

Alex – Escrevi-a há apenas quatro anos...

Victoria – Hoje tudo muda tão depressa... *(Ri-se.)* Ou se calhar já estavas antiquado há quatro anos...

Clara – E também quer mudar o título...

Victoria – «O Contrato» não parece um título de comédia, pois não?

Alex – Tem tudo a ver com a história...

Victoria – As pessoas vão ao teatro para descontrair! Para rir! Para passar um bom bocado! «O Contrato»... faz-lhes lembrar o trabalho...

Alex – Então que título sugeres?

Victoria – Estava a pensar em... «Amor a Três».

Alex – «Amor a Três»...?

Victoria – Parece logo uma comédia, não parece?

Alex – Mas isso não tem nada a ver com a peça!

Victoria – Ainda não...

Alex – Como assim, ainda não?

Clara – O contrato diz que Victoria vai rever os diálogos.

Victoria – Para os tornar mais modernos. Mais divertidos. E aproveito para reforçar um pouco a parte do vaudeville. Assim o título passa a fazer sentido...

Alex – «O Contrato»...?

Victoria – «Amor a Três»!

Alex – Então queres reescrever a peça toda.

Victoria – Reescrever é um exagero. Digamos que vou fazer uma adaptação.

Alex – E, claro, vais ficar com uma parte dos direitos de autor por isso...

Clara *(olhando para o contrato)* – Cinquenta por cento.

Alex – Estou a ver... *(Irónico.)* Mas ao menos o meu nome aparece no cartaz, não?

Victoria – Não tão grande como o dos atores, claro. São eles que vendem bilhetes. Sabes bem como são os egos das estrelas...

Clara *(lendo o contrato)* – «A partir de uma ideia original de Alex Dupin. Adaptação e diálogos de Victoria de Castelblanco»...

Alex – Um contrato normalíssimo, dizias tu... Não me disseste que ias reescrever a peça.

Victoria – Reescrever é um exagero... Digamos que vou apenas... aparar umas arestas.

Alex – Aparar arestas? Queres dizer cortar tudo o que sobressai ou incomoda, até ficar uma comédia igual a tantas outras?

Victoria – Também é preciso pensar no público! O público que hoje tem dinheiro para pagar cinquenta euros por um lugar confortável, num teatro de Paris, é sobretudo a burguesia reformada. E as respetivas viúvas...

Alex – E com as comédias antiquadas que se representam nesses teatros o ano inteiro, dificilmente vamos atrair os mais novos...

Victoria – Alex, se querias fazer teatro de vanguarda, não devias ter-me enviado o texto.

Clara – Também temos de a compreender... Mas o Alex vai perder metade dos direitos de autor.

Victoria – Se é só isso, posso baixar para quarenta por cento. Quero mesmo fazer esta peça.

Alex – Preciso de pensar melhor.

Victoria mostra-se ofendida.

Victoria – Está bem... Mas não demores muito. Tenho outras propostas em cima da mesa.

Clara – Eu acompanho-a.

As duas saem. Alex parece abatido. Clara regressa.

Alex – Então...?

Clara também parece desconfortável.

Clara – Já sabíamos que era uma megera... Ao menos, parece disposta a negociar. Também podemos impor condições.

Alex – Sinto que estou a vender a alma ao diabo...

Clara – Só tu podes decidir se vale a pena.

Clara sai. Alex olha para o contrato, assina-o e sai.

Escuro.

Luz.

Clara regressa com uma cafeteira e duas chávenas. Vê o contrato, senta-se no sofá e serve-se de café, olhando para o vazio. Alex entra com um cigarro por acender na boca.

Clara – Tinhas deixado de fumar...

Alex – Preciso mesmo de um cigarro.

Alex prepara-se para acender o cigarro. Clara levanta-se e impede-o.

Clara – Bebe antes um café. Dormiste mal?

Alex – Já nem sei o que faço, Clara. Nem sei o que quero.

Clara – Ouve, Alex, também andei a pensar. Antes de a Victoria telefonar, éramos felizes, não éramos?

Alex – Pois... Dizias que tinhas um trabalho de merda. Eu nem trabalho tenho. És tu que pagas a renda...

Clara – Sim, mas desde que aquela megera quer montar a tua peça, não paramos de discutir.

Alex – Farei o que quiseres, Clara. Não quero perder-te.

Clara – Não te vou abandonar, Alex. Seja qual for a tua decisão.

Alex – Já assinei o contrato...

Clara – Vi. Espero que não tenha sido apenas por minha causa.

Alex – Tens razão. Tenho de crescer e encarar a realidade.

Clara – Eu também pensei muito. Não te quero perder.

Alex – Estou aqui, Clara... E vou continuar ao teu lado. Mesmo quando for um dramaturgo famoso.

Clara – O que eu quero dizer é que não quero perder o homem que conheci, aquele por quem me apaixonei há uns anos. Não quero que te tornes outra pessoa, Alex. Alguém capaz de negar os seus princípios e trair um amigo para ter sucesso. Não te posso pedir isso.

Clara pega no contrato e rasga-o.

Alex – Tens a certeza?

Clara – Absoluta certeza.

Alex – É incrível. Sonhei com este contrato durante anos... E nem imaginas o alívio que sinto ao ver-te rasgá-lo.

Clara – Ainda bem. É preciso confiar no instinto. E o meu diz-me que não devemos vender o teu talento ao desbarato.

Alex – Tens razão. Enquanto acreditares em mim, sei que havemos de conseguir.

Alex beija-a.

Clara – E a tua proposta? Continua de pé?

Alex – Que proposta?

Clara – Falaste-me num contrato de casamento.

Alex – És a melhor coisa que me aconteceu na vida, Clara...

Beijam-se outra vez.

Escuro.

Clara está sentada no sofá. Alex entra com dois sacos de compras.

Clara – Está tudo bem? Não pesam muito?

Alex – E pensar que há quem pague uma mensalidade no ginásio para suar... quando, pelo mesmo dinheiro, podíamos encher dois sacos de compras!

Clara – Sirvo-te uma bebida? Para descontraires...

Alex – Com todo o gosto...

Abraçam-se. A campainha toca.

Alex – Parece que voltámos a ter movimento...

Clara vai abrir a porta e regressa com Daniel.

Daniel – Acabo de receber a tua autorização para Avignon... Com exclusividade... Não sei o que dizer... Obrigado!

Alex – Pensei muito nisso. Pensámos os dois. Acabámos por decidir que era melhor persistir no erro...

Daniel – Obrigado por confiarem em mim. Prometo que não se vão arrepender...

Alex – Não te preocupes. Eu já estou arrependido.

Clara – Estamos aqui para te apoiar, Daniel. Agora estamos todos no mesmo barco.

Alex – Esperemos que não seja o Titanic...

Clara – E agora já nos podes dizer quem é a tripulação.

Daniel hesita.

Alex – Quem são os atores?

Clara – Não esperamos grandes estrelas, não te preocupes. Mas talvez os conheçamos...

Daniel – Na verdade... o elenco ainda não está completo. Conto comigo, claro, e com a rapariga de quem vos falei...

Clara – Todos os outros te disseram que não, foi isso?

Daniel – Sabem como isto funciona: primeiro diz-se que temos encenador, mesmo sem termos, para convencer atores conhecidos a entrar no projeto. Quando eles aceitam, vamos procurar um encenador conhecido e dizemos que já temos um elenco famoso...

Alex – Portanto, não tens ninguém. Muito menos um produtor.

Daniel – E porque não entram vocês os dois na peça comigo?

Clara – Não era esse o teu plano desde o princípio?

Alex – Pois claro. E como também vou representar, nem precisas de me pagar direitos de autor...

Daniel parece embaraçado.

Daniel – Admito que a ideia me passou pela cabeça...

Silêncio embaraçoso.

Alex – Está bem, vamos juntos a Avignon. Devo-te isso, afinal... Por te teres sacrificado por mim há dez anos.

Daniel – Fantástico! Não podia ter um elenco melhor: tu, eu, a Clara e a Sara!

Alex – Sara...?

Daniel – A rapariga de quem te falei. Também é por ela que estou a montar a peça. Está a começar a carreira, percebes?

Clara – Claro... E tu, só por generosidade, resolveste dar uma oportunidade à jovem atriz. Que bonito...

Alex – Afinal, já não é amor a três, é a quatro... E ela é boa? Quero dizer... Como atriz.

Daniel – Vou telefonar-lhe com a boa notícia. Depois bebemos todos um copo e assim ficam a conhecê-la.

Alex mostra-se pouco à vontade. Daniel marca um número no telemóvel.

Escuro.

A sala está vazia. O telefone fixo toca e ouve-se a mensagem do atendedor de chamadas.

Alex (*voz off*) – Ligou para casa do Alex e da Clara. Não podemos atender de momento, mas pode deixar mensagem no atendedor de chamadas do nosso telefone fixo. Um dos últimos em funcionamento no mundo. Responderemos assim que possível por pombo-correio...

Clara (*voz off*) – Mãe, se és tu e é uma urgência, liga para o 112...

Sinal sonoro.

Victoria *(voz off)* – Sim, fala a Victoria. Soube que afinal vais montar a peça com o Daniel... Aposto que te comoveu com aquela história patética da audição. Diz que desistiu de um papel principal por amizade a ti... Conta isso a toda a gente quando bebe demais, mas posso garantir-te que é mentira. Eu estava a dirigir o casting e não queria trabalhar com aquele incompetente. Na verdade, se não te escolhi foi porque não queria o Daniel e ele disse-me que tu nunca aceitarias o papel sem ele. De qualquer maneira, desejo-te sorte com o projeto. Espero que não te arrependas... *(Ouvem-se ruídos na linha.)* Grande cabrão... Foi para a cama comigo para me convencer a ler a porcaria da peça dele e, quando digo que quero montá-la, vai fazê-la com outra pessoa... Merda, não desliguei a chamada...

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Março de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-171-8

Documento para download gratuito